

# Tamanho das Cidades e Padrão de Vida do Operário Industrial

JOÃO JOCHMANN

COMO aconteceu também em outros países e como é natural, muitos estabelecimentos industriais brasileiros localizaram-se onde encontraram abundância de mão-de-obra e, ao mesmo tempo, proximidade de mercados de consumo largo. Assim, as cidades, especialmente as grandes, tornaram-se sedes de importantes parques industriais. Daí resultou, aos poucos, uma concentração geográfica da indústria brasileira, em escala extraordinária. Ilustremos o fato com alguns dados oferecidos pelo último Censo Industrial. Segundo esse levantamento, o valor bruto da nossa produção industrial exprimiu-se, em 1949, pela cifra de 116,7 bilhões de cruzeiros. Apenas a duas praças (à Capital de São Paulo e ao Distrito Federal) cabiam, em conjunto, nada menos de 45,6 bilhões, ou sejam 40% do total. E se juntamos à Paulicéia os municípios que com ela formam uma única área industrial (Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo) e procedemos de maneira semelhante com o Distrito Federal, acrescentando-lhe a produção de Niterói e São Gonçalo, essas duas grandes praças englobaram 52,2 bilhões de cruzeiros, isto é, 44,7% do total nacional. Somando-se, ainda, a esse montante os relativos a outros cinco municípios de maior expressão no campo da atividade industrial (Porto Alegre, Recife, Barra Mansa, Sorocaba e Campinas), chegamos ao total de 59,9 bilhões de cruzeiros: sete centros industriais representaram, sob o aspecto do valor da produção, mais do que 50% da indústria nacional.

Se as cidades, especialmente as maiores, atraíram as indústrias, não é menos verdade que as indústrias, por sua vez, atraíram homens, contribuindo, essencialmente, para o crescimento dos centros urbanos.

Há quem considere aqui e alhures, tal crescimento como sinal inequívoco de progresso. E constam casos em que o nascimento do centésimo milésimo habitante motivou grandes festejos. O Sr. Prefeito apareceu de cartola e fraque em praça pública, a banda de música executou hinos cívicos; festas, feriados, foguetes, grandes banquetes e muitos discursos: era o grande dia; a coletividade sentia-se promovida a categoria superior.

Ao lado desses progressistas "à outrance" há outras vozes, menos otimistas, que alimentam certas dúvidas a respeito dos benefícios que as cida-

des grandes proporcionam aos seus habitantes e à Nação. De qualquer forma, parece evidente que aquelas aglomerações humanas significam coisa diferente conforme se trate de regiões com grande ou exagerada densidade de população ou de países cujo número de habitantes por quilômetro quadrado pouco excede 5.

Mas quer aplaudamos quer desaprovemos semelhantes concentrações da população, elas são um fato, e um fato muito sério. É preciso estudá-lo, examinar-lhe as condições e conseqüências. São sobejamente conhecidos os motivos que atraem os industriários, bem como pessoas de outras camadas do povo, para as metrópoles. Muitas vezes o caminho percorrido não é direto. Começa nos campos, conduz primeiro à sede do município. De lá à cidade grande. A volta é rara, mas frequentemente segue ainda o pulo para as metrópoles, a Paulicéia ou a Cidade Maravilhosa. Se o êxodo rural muitas vezes é fruto do abandono em que vive a população rural, resultado de falta de assistência sanitária, cultural e mesmo econômica, no habitante das praças pequenas atuam outros motivos que o arrasta para as cidades maiores: a monotonia do local, a estreiteza dos costumes, a pouca esperança de progredir na escala social. Nos grandes centros é tudo diferente, oferecem-se oportunidades para todos, a vida é mais folgada, mais movimentada, mais livre, mais interessante e, acima de tudo, os salários são mais elevados. Eis o conceito que muito habitante de cidade pequena tem a respeito dos centros grandes, e que o leva a mudar-se para os mesmos.

As conseqüências dessas migrações costumam ser julgadas de maneira algo unilateral. Queixamo-nos do crescimento exagerado das cidades grandes, cujo aparelhamento e abastecimento ficam atrás do aumento da população. Mas esquecemo-nos de que tal movimento implica em grave prejuízo para as localidades abandonadas. Essas experimentam uma situação semelhante à de países de emigração: criam e educam com despesas não pequenas uma geração inteira e, quando os jovens após tudo isso ficam adultos, em condições de retribuir à comunidade o que dela receberam, vão-se embora. E entre eles, muitos elementos valiosos, dinâmicos e progressistas cuja saída empobrece o lugar.

Sob todos esses aspectos torna-se interessante indagar detidamente, com justiça e visão

ampla, qual é na verdade o padrão de vida nas diversas classes de tamanho das cidades. A simples menção do "salário mais alto" mostra que há erros muito profundos naquela visão quimérica que o habitante das pequenas cidades alimenta a respeito dos centros urbanos maiores.

PESQUISA DO PADRÃO DE VIDA DA COMISSÃO NACIONAL DE BEM-ESTAR SOCIAL

Para uma apreciação dessa natureza encontramos elementos interessantes nos resultados que nos proporcionou a pesquisa do padrão de vida, executada há um ano e meio pela Comissão Nacional de Bem-Estar Social. Essa pesquisa indagou a situação do operariado industrial em 68 localidades do País, grandes, médias e pequenas, e que se distribuem por tôdas as Unidades da Federação. Limitamo-nos, nesta ocasião, às localidades situadas no Sul do País, uma vez que é essa a região líder no campo da atividade industrial. Além disso, em comparações dessa ordem têm de se refletir naturalmente, e com bastante força, diferenças regionais que são reconhecidamente profundas, dada a extensão enorme do território nacional em cujas partes os costumes de alimentação, habitação e vestuário muito variam, principalmente em função do clima. Limitando ao Sul nossa análise dos resultados da citada pesquisa, eliminamos a maior parte das diferenças regionais que prejudicariam o nexos que aqui nos interessa: a influência do tamanho da cidade sobre o padrão de vida do operário industrial.

Incluindo-se no Sul, o Distrito Federal e o Estado do Rio de Janeiro, essa região abrange 27 localidades cobertas pela pesquisa: seis cidades grandes, de mais de 100.000 habitantes, ou sejam Rio de Janeiro, São Paulo, Pôrto Alegre, Santos, Curitiba e Niterói inclusive São Gonçalo. Posteriormente, destacamos, nesse grupo, as duas metrópoles, Rio e São Paulo, das quais cada uma conta mais de 2 milhões de almas.

Entre as restantes 21 cidades há cinco localidades cuja população não atinge a 25.000: Blumenau e Joinville, em Santa Catarina; Paranaguá, no Paraná; Itatiba, em São Paulo, e Arrôio dos Ratos, Vila do Município de São Jerônimo, no Rio Grande do Sul. A êsse grupo chamaremos daqui em diante de cidades pequenas. As cidades médias, com população acima de 25.000 mas abaixo de 100.000 habitantes e que são em número de 16, distribuem-se da seguinte maneira entre os diversos Estados: cinco pertencem a São Paulo (Sorocaba, Bauru, São José do Rio Prêto, Marília e Taubaté); quatro ao Rio de Janeiro (Campos, Petrópolis, Nova Friburgo e Volta Redonda); quatro ao Rio Grande do Sul (Pelotas, Santa Maria, Caxias do Sul e Livramento); duas ao Paraná (Ponta Grossa e Londrina) e finalmente uma a Santa Catarina (Florianópolis). Dêsse rol de 16 cidades médias excluimos do nosso exame duas, Volta Redonda e Londrina, porque

representam tipos tão especiais que a procurada influência do tamanho do lugar sobre o padrão de vida bem pode estar prejudicada, compensada ou anulada por fatores de outra ordem.

Volta Redonda não é produto dum desenvolvimento histórico, mas criação artificial e oficial. A maior empresa siderúrgica do País construiu aí as suas usinas, baseando-se em estudos geográficos e econômicos. Seus fundadores planejaram o empreendimento, não só obedecendo aos preceitos técnicos mais modernos, mas também, atendendo a conceitos sociais bastante avançados. Volta Redonda, a menina dos olhos da nação e do governo, é um caso à parte e o será por muito tempo, quer o lugar tenha 20.000 habitantes, quer 200.000.

No tocante a Londrina, trata-se do centro duma região em fase de desenvolvimento impetuoso. Como sói acontecer em tais casos, seu crescimento vem acompanhado por momentos todos particulares: transformações profundas, movimentação intensa, valorização rápida, com forte ingerência de especulação. Certamente êsses fatores especiais perturbam os reflexos da influência que procuramos estudar e que se patenteiam com maior clareza nos lugares cujo desenvolvimento corresponde a um crescimento orgânico de ritmo natural.

Ficamos, pois, ao todo, com 25 lugares que assim se distribuem pelas diversas classes de tamanho:

	NÚMERO DE CIDADES	FAMÍLIAS PESQUISADAS	PESSOAS ABRANGIDAS
Rio e São Paulo.....	2	310	1275
Outras cidades grandes.....	4	250	1061
Cidades médias.....	14	621	2714
Cidades pequenas.....	5	212	873
TOTAL.....	25	1393	5923

RESULTADOS GERAIS DA PESQUISA

Lancemos primeiro um olhar rápido sobre as informações que essas famílias prestaram a respeito dos seus orçamentos. Como era de se esperar, o total dos recursos por família foi nas cidades grandes de fato bastante mais elevado do que nas menores, oscilando nestas em torno de Cr\$ 2.000 e naquelas, em redor de Cr\$ 3.000. A apreciação justa da diferença teria que levar em conta, evidentemente, o valor real dêsses recursos. Para esclarecer êsse ponto básico, os resultados até agora apurados não bastam.

As famílias pesquisadas preencheram, tôdas elas, um questionário em que informaram, por vezes com dados estimados, sobre o seu orçamento mensal: os salários obtidos e outras rendas auferidas, bem como suas despesas, estas bastante subdivididas e especificadas. Mas essas informações detiveram-se em termos de moeda. Metade das famílias preencheu ainda uma caderneta na qual lançaram durante seis semanas tôdas as re-

ceitas e despesas na medida em que ocorreram, especificando, na parte dos gastos, também as quantidades adquiridas. Estas informações estão ainda em fase de apuração. E sem os referidos quantitativos de gêneros e outros artigos consumidos, os resultados não têm plena expressão. Que saberemos, por exemplo, se verificarmos que as famílias gastaram, em média, por mês, com alimentação Cr\$ 1.328,00 no Rio e em São Paulo; Cr\$ 1.320,40 nas outras cidades grandes; Cr\$ 923,50 nas cidades médias e Cr\$ 1.144,00 nas localidades pequenas? Muito pouco! E' preciso saber qual foi a alimentação que adquiriram com aquêles montantes. E' pois, de se esperar que a Comissão Nacional de Bem-Estar Social termine quanto antes a apuração das cadernetas familiares. Os respectivos resultados constituirão complemento indispensável dos dados já elaborados. Além disso, tais resultados merecem indiscutivelmente um grande interesse geral, sob vários pontos de vista, entre os quais figura, não em último lugar, o da dieta do operário brasileiro.

Aliás, embora preconizemos com justos motivos a apuração das referidas cadernetas, acreditamos de antemão que também de posse desses resultados, uma comparação perfeitamente exata de alguns gastos reais não será possível, pois justamente no campo da alimentação há certos aspectos que escapam à verificação estatística. Suponhamos que as famílias consumam "per capita" igual quantidade de leite no Rio de Janeiro e em Blumenau. Isso não significa absolutamente que ingiram o mesmo número de calorias. Em Blumenau o leite não vem aguado como acontece freqüentemente no Rio. Mas, o leite que a família carioca obtém, é tirado, no mínimo, 12 horas antes, muitas vezes, bem mais. Ele vem de Minas Gerais e do Estado do Rio de Janeiro; é primeiro recolhido em certos postos, e congelado. Viaja não raro 8 até 12 horas. E' pasteurizado e novamente gelado antes de chegar às mãos do consumidor. A imprensa da capital vive reclamando contra a má qualidade do leite que se vende na cidade. Isso não acontece em Blumenau, nem em muitas outras pequenas cidades do interior. Também ovos, manteiga, frutas, legumes e até carne raras vezes nas metrópoles e cidades grandes estão tão frescos quando são vendidos ao consumidor, como nas cidades menores. Evidentemente, o grau de frescura afeta o valor nutritivo daqueles alimentos.

#### RESULTADOS SOBRE A HABITAÇÃO DAS FAMÍLIAS OPERÁRIAS

Se os dados da Pesquisa já disponíveis não satisfazem, por enquanto, para uma apreciação exata das diferenças provavelmente existentes em questões de alimentação, muito elucidativos são, entretanto, os que dizem respeito à habitação. Esta foi pesquisada com bastante minúcia no próprio questionário. Desta maneira temos elementos para avaliar o que corresponde ao dinheiro

gasto com habitação. Embora a despesa com a moradia não seja tão elevada no orçamento familiar como a com alimentação, atribuímos à habitação uma importância toda especial. Pois ela é o centro da vida familiar; seu estado e suas condições são de influência decisiva para o lar e podem sê-lo para a formação mental, moral e até intelectual dos filhos.

Agradecemos, nesta oportunidade, ao professor Guerreiro Ramos cuja gentileza nos permitiu livre acesso ao material da pesquisa, até a resultados ainda não divulgados. Diversos índices que podemos deduzir daqueles resultados, parecem-nos de grande significação e expressão. Apresentamos, em primeiro lugar, alguns dados gerais. O questionário indagou se a casa era própria, alugada, gratuita ou se se achava em aquisição, e se a família a ocupava exclusivamente ou parcialmente. Se era casa propriamente dita ou apartamento, casa de cômodos, casebre ou porão. Qual era o material de construção: tijolos, madeira, taipa, palha? Perguntou, ainda, se certas dependências da habitação, tais como cozinha, banheiro e latrina, eram de uso exclusivo da família ou se serviam também para pessoas de outro domicílio. Eis os resultados obtidos pelas respostas a alguns desses quesitos mais expressivos:

	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
Total das habitações.....	310	250	621	212
Casa própria ou em aquisição.....	61	72	209	77
Ocupação exclusiva.....	175	184	510	182
Casa de taipa ou palha.....	22	12	9	1
Casa de cômodos, casebre ou porão.....	25	12	20	2
UTILIZAÇÃO POR ESTRANHOS:.....				
Da cozinha.....	24	22	26	8
Do banheiro.....	71	37	28	4
Da latrina.....	84	59	117	16
Casa própria ou em aquisição.....	19,7	28,8	33,7	36,2
Ocupação exclusiva.....	58,5	73,6	82,1	85,8
Casa de taipa ou palha.....	7,1	4,8	1,4	0,5
Casa de cômodos, casebre ou porão.....	8,1	4,8	3,2	0,9
UTILIZAÇÃO POR ESTRANHOS:.....				
Da cozinha.....	7,7	8,8	4,2	3,8
Do banheiro.....	22,9	14,8	4,5	1,9
Da latrina.....	27,1	23,6	18,8	7,5

Como varia bastante o número de habitações pesquisadas nas quatro classes de cidades, convém transformarmos os números absolutos da tabela para relativos, exprimindo as ocorrências em percentagem do respectivo total de habitações.

Esses algarismos falam uma linguagem bem clara. Quase com regularidade absoluta acusam que as condições de habitação estão tanto melhores quanto menor o tamanho da cidade. A casa própria é inegavelmente um alto bem para a família, um índice de bem-estar inequívoco. E este índice nos mostra que nas cidades pequenas a propriedade da casa ocorre quase com dupla freqüência, comparada com a situação nas metrópoles.

Também a ocupação exclusiva da habitação representa vantagens evidente. Quantas rixas e dissabores devem-se aos atritos surgidos facilmente entre várias famílias que ocupam a mesma casa.

Este e outros fenômenos, aliás, têm nas cidades grandes, importância maior do que nas localidades pequenas, onde todos se conhecem e, se ocorre a necessidade de duas famílias morarem juntas, estão aptas a fazer a melhor escolha. Não há nos lugares pequenos tamanha falta de moradias que tanto flagela a população das cidades grandes, fazendo com que muita família, para ter um teto sobre a cabeça, aceite sob esse teto a quem, em outras circunstâncias, nem admitiria como vizinho de rua.

A casa de cômodos então é um fenômeno típico de cidade grande; nas praças menores encontramos, algumas vezes, o porão; também não moradia ideal, mas pelo menos individual. Pergunta-se como será possível que os filhos de famílias obrigadas a se alojar em "cabeças de porco", se desenvolvam moral e mentalmente são na promiscuidade daquelas casas. Não é admissível que o pai, a mãe da família operária carioca ou paulista amem os seus filhos menos do que os pais em localidades menores. Nem creio que sejam menos perspicazes. Se aceitam o ambiente da casa de cômodos para moradia, é porque não encontraram casa, isto é, casa cujo aluguel pudessem pagar com o salário alto da cidade grande e maravilhosa. Mas, alguém já terá contado as lágrimas e os gemidos das mães, assistindo, sem defesa, a que os filhos adolescentes escutem a conversa mantida no quarto contíguo entre o malandro e a me-retriz?

A freqüência muito mais alta das casas de taipa ou de palha nas metrópoles é um reflexo sombrio das favelas que se gostaria tanto de esconder. Mas, por desgraça, estão localizadas nos morros, quer dizer em pontos altos e bem visíveis.

Um capítulo todo especial é a utilização de certas dependências da habitação por parte de pessoas de outras famílias. Tal ingerência é, em qualquer hipótese, indesejável, não resta dúvida; mas é especialmente desagradável e incômoda no caso da latrina. Prevaecem aqui aspectos a que já aludimos no ligeiro comentário sobre a ocupação exclusiva da habitação. É bastante preferível que o reservado da família lhe esteja, de fato, reservado. Mas, se isso não é possível, a situação é evidentemente muito menos penosa, se uma família conhecida e talvez amiga se serve dessa mesma dependência que nós, do que pessoas quaisquer a cujo convívio a família está coagida.

O questionário da Comissão de Bem-Estar pediu ainda informações sobre o sistema da instalação sanitária: esgôto, fossa séptica ou fossa precária. O esgôto foi encontrado com maior freqüência na classe das "outras cidades grandes" (34%) Seguiram-se-lhes as cidades pequenas (32,6%). Em terceiro lugar aparecem as metrópoles (29,7%) e, em último lugar, as cidades médias (25,9%). Parece-nos digno de nota que as cidades pequenas ocupem posição tão vantajosa, justamente nesse terreno em que se poderia esperar que a situação fôsse tanto melhor quanto maior a cidade. Deduzimos daqueles resultados

o número de habitações sem qualquer instalação sanitária. Eis a percentagem dessas moradias sobre os respectivos totais:

Rio e São Paulo .....	31,0
Outras cidades grandes .....	7,2
Cidades médias .....	8,5
Cidades pequenas .....	4,7

A distância entre os extremos é muito grande e as metrópoles perdem nesse confronto algo do seu encanto. Lembramos certas reportagens sobre as favelas, que nos contam de lamaçais, de detritos de toda espécie, parados ou descendo lentamente o morro, de um cheiro pestilencial. E crianças descalças brincando perto.

Vejamos, ainda, como as habitações das famílias operárias estavam dotadas de certas instalações e utilidades.

	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
(% das habitações dotadas com as instalações e utilidades mencionadas sobre o total das habitações)				
Água encanada.....	43,5	64,8	49,1	55,7
Luz elétrica.....	64,2	89,2	75,8	95,3
Rádio.....	50,0	76,8	51,4	66,0
Máquina de costura.....	32,6	58,8	43,8	48,1

Pode surpreender muito, à primeira vista, a ocorrência fraca da água encanada nas habitações do Rio e São Paulo. O motivo é, também aqui, o fato da pesquisa ter abrangido várias famílias moradoras de favelas. Mas também nesse particular os números não dizem tudo, pois não ter água encanada significa coisa muito diferente em cidade grande e em cidade pequena. Nesta, se não há encanamento, existe quase sempre um poço no quintal, a uns 10 metros. Mas em cidade grande? Lá não há lugar para quintal, e raras vezes poço. Daí as filas de mulheres e crianças que carregam o precioso líquido em baldes e latas, muitas vezes por uma distância não de 10 mas de 1.000 metros. E isso acontece não só com famílias cuja habitação não possui água encanada, pois encanamento no Rio e São Paulo está longe de garantir água. Os estatísticos podem ficar muito tristes mas não é possível somar a energia gasta com a busca de água e o desespero pela sua falta absoluta. Mas, o total do mal-estar coletivo, causado por essas deficiências, é enorme, enervante e bem capaz de diminuir a produtividade do homem.

Quanto à luz elétrica, evidentemente sinal de conforto, a posição fraca das metrópoles deve-se também em boa parte às favelas incluídas nas habitações desses centros. De resto, parece-nos aconselhável alguma reserva na interpretação dos dados numéricos, pois a luz elétrica não é a mes-

ma coisa em tôda parte. Lembramo-nos, com susto, de situações experimentadas quando de viagens pelo interior. Obrigado a fazer breves anotações à noite, no hotel, e sentado à mesa, a luz nem dava para enxergar bem a ponta da lapiseira. Para se ler qualquer coisa era preferível ir comprar uma vela de estearina. Entre essas cidades figurava também a capital de um Estado sulino.

O radioreceptor, cuja maior ou menor frequência não consideramos, em face do nível da programação das irradiações, como índice cultural, mas sim e exclusivamente como sinal da situação econômica, acha-se numa dependência natural da disponibilidade de eletricidade e da qualidade da mesma. Deve influir também até certo ponto o grau de facilidade com que se podem adquirir êsses aparelhos nas diversas praças.

Observação análoga cabe a respeito das máquinas de costura. Estranhamos que essas máquinas se encontraram na classe das "outras cidades grandes" com maior frequência do que nas localidades menores, porque é de supor-se que nessas localidades menores a confecção de roupas para os membros da família seja mais comum do que nos centros grandes, onde a economia doméstica representa antes o tipo da comunidade unicamente de consumo, valendo-se dos numerosos estabelecimentos, maiores e menores, de alfaiates e costureiras. Possivelmente tenha havido entre as famílias pesquisadas nas "outras cidades grandes" várias em que a dona de casa ou filhas costumam para terceiros.

Terminemos o capítulo da habitação com algumas informações que lançam certa luz sôbre a amplitude das moradias:

	N.º DE COMO- DOS POR FA- MÍLIA	N.º DE PESSOAS POR DOR- MITÓRIO	% DOS DORMITÓRIOS NÃO QUANTOS SÓ- BRE O TOTAL DOS DORMITÓRIOS
Rio e São Paulo.....	2,2	2,5	12,3
Outras cidades grandes.....	3,0	2,2	6,1
Cidades médias.....	2,9	2,3	7,2
Cidades pequenas.....	3,5	2,0	1,6

As três séries acusam curvas não perfeitamente regulares, mas, comparando-se a situação nas cidades grandes, especialmente no Rio e em São Paulo, com a encontrada nas cidades pequenas, estas levam grande vantagem sôbre aquelas: o espaço das moradias nos centros grandes é muito mais escasso do que o das habitações nas cidades menores, motivando índices de densidade bastante mais elevados e, concomitantemente, índices de comodidade mais desfavoráveis.

#### INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES E TRANSPORTE

A parte final do questionário usado na pesquisa pediu algumas informações complementares que possuem grande significação social. Perguntou-se às famílias se produziam quaisquer artigos

no quintal, quer para o consumo próprio quer para venda (aves, ovos, leite, legumes). Eis os resultados:

	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
Famílias com produção própria....	38	67	187	67
% sôbre o total das famílias.....	12,3	26,8	30,1	31,6
Valor médio da produção por.... família produtora Cr\$.....	198,20	71,80	71,80	141,10

A percentagem das famílias com produção própria sobe claramente com a diminuição do tamanho das cidades. O fato explica-se facilmente. No tangente ao valor dos produtos, as segunda e terceira classes de cidades têm posições irregulares. O confronto entre as maiores e menores é interessante. O valor médio por família produtora é sensivelmente mais alto nos grandes centros do que nas cidades menores. Se levarmos em conta a diferença dos preços nas duas categorias de localidades e, ainda, o valor total dos recursos que as famílias em ambas auferem, as cidades pequenas têm posição bem mais vantajosa.

Aliás, o importante nesse caso não nos parece o valor alcançado por essa produção, mas sim a respectiva atividade em si. Tratar de aves ou cultivar algum canteiro põe o homem em contato com a natureza, contato êsse que êle perde no labor da fábrica. Dá-lhe um prazer natural, é educativo e instrutivo para os filhos. Aliás, já houve movimentos fortes em grandes cidades estrangeiras que visavam a proporcionar aos operários industriais a possibilidade de dedicar suas horas de folga a pequenas culturas, ainda que em lotes reduzidos de terras arrendadas. Também entre nós, várias empresas propagam essas atividades entre seus operários, com bons motivos, louváveis intenções e resultados interessantes para as famílias.

Merecem, ainda, interesse especial as informações sôbre os bens das famílias, os quais constituem um valor mais constante e expressivo do que as receitas e despesas mensais. Estas podem no caso individual variar de um mês para o outro, enquanto que aquêles, fruto do labor e da economia de anos, têm um caráter mais duradouro. Vejamos, primeiro o número de famílias que possuíam os diversos tipos de bens especificados, em relação ao total das famílias pesquisadas:

Bens	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
Casas.....	19,7	27,2	31,2	36,3
Terrenos.....	10,3	18,8	4,7	21,7
Depósitos.....	15,8	15,6	11,4	10,4
Bicicletas.....	6,0	10,1	10,0	28,4

Com exceção dos depósitos e dos terrenos nas cidades médias, a situação apresenta-se nas localidades menores bem mais vantajosa do que nas maiores, especialmente nas metrópoles. O fato é bastante significativo e surpreende porque

a aquisição de imóveis deve ser relativamente mais fácil para o operário dos centros maiores, sedes dos institutos de previdência que financiam construção e compra da casa. Atribuímos a diferença em favor das localidades menores ao fato de que nelas o ambiente mais convida para a poupança, enquanto que o asfalto seduz para gastar.

No tocante aos depósitos convém lembrar que, nesse particular, as cidades grandes com as suas rêdes densas de filiais e agências de bancos e Caixas Econômicas propiciam a abertura dum depósito, o que não ocorre na mesma medida nos lugares menores. Os valores médios dos principais bens acham-se arrolados na seguinte tabela:

Bens	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
	(CRUZEIROS)			
Tasas.....	73 400	72 600	36 700	46 100
Cerrenos.....	30 700	23 700	11 800	21 700
Depósitos.....	3 100	2 600	3 800	7 900

Convém esclarecer que as médias dessa tabela foram calculadas em relação ao número de famílias que possuíam êsses bens. A valor mais elevado dos imóveis nas cidades grandes é muito natural, evidentemente afetado pelo valor aquisitivo da moeda, que não é o mesmo nas metrópoles e no interior. O valor real duma casa em cidade grande, num montante de 73 mil cruzeiros, pode, despido do "véu monetário" ser mais baixo do que os 46 mil em cidade pequena, e provavelmente o é. Em todo caso é mais influenciado pela especulação. A diferença observada entre os diversos montantes de depósitos é tão extraordinária que nos limitamos a registrá-la. Será mais prudente esperar outros resultados de levantamentos semelhantes.

Apresentemos, ainda, os valores médios calculados em relação a tôdas as famílias pesquisadas, dentro das diversas classes:

Bens	RIO E S. PAULO	OUTRAS CIDADES GRANDES	CIDADES MÉDIAS	CIDADES PEQUENAS
	(CRUZEIROS)			
Casas.....	14.400	19.800	11.500	16.700
Terrenos.....	3.200	4.500	600	4.700
Depósitos.....	500	400	400	800
Todos os bens.....	18.800	26.300	13.800	24.000

(1) Inclusive os aqui não especificados, tais como veículos, apólices etc

Sempre levando em conta o diferente valor aquisitivo da moeda nas diversas classes de tamanho das cidades, também êsse quadro resumo mostra a posição relativamente favorável das famílias operárias nas cidades menores, mesmo daquelas que aqui chamamos de "médias" e que em diversos confrontos feitos aparecem com índices desfavoráveis. Nota-se claramente, em tôdas as classes de cidades, a participação decisiva dos imóveis, especialmente da casa, no pequeno patrimônio da família operária.

A significação geral dêsses algarismos prova que, bem diversamente do que supõem e sonham operários do interior, o padrão de vida nos grandes centros não é mais alto do que nas cidades menores. Muito ao contrário. Nem todo o conforto e bem pouco do luxo que tornam aquêles centros, para muitos, tão atraentes, é acessível, ao bôlso do operário, apesar dos seus salários "altos".

Mencionamos linhas atrás a percentagem das famílias que possuíam bicicletas. Acrescentamos, a título de curiosidade, que entre as 45 famílias investigadas em Joinville nada menos de 38 tinham tais veículos. E essas 38 famílias possuíam 72 bicicletas! Varia muitíssimo a freqüência com que as mesmas são encontradas. E é lamentável que sejam relativamente raras nas cidades grandes onde poderiam aliviar, em muitos casos, o problema do transporte que se reveste justamente nos maiores centros de uma gravidade extrema. Não pensamos em primeiro lugar na respectiva despesa, que, como é natural, cresce sensivelmente com o tamanho da cidade. Da pesquisa em foco obtivemos as seguintes médias por família:

	Cr\$ por mês
Rio e São Paulo .....	62,60
Outras cidades grandes .....	44,70
Cidades médias .....	11,30
Cidades pequenas .....	5,70

Como ficou dito, o aspecto da despesa não é o mais sombrio nesta questão. Pior é a perda de tempo livre em que a necessidade de transporte implica. O questionário da Comissão de Bem-Estar não perguntou quanto tempo o operário gasta diariamente com a ida à fábrica e a volta para a casa. Conforme a natureza das coisas, êsse gasto é, normalmente, muito maior nas cidades grandes do que nas pequenas. Cremos que êsse tempo em muitos casos diariamente excede duas horas. São duas horas que o operário perde do seu tempo livre, em prejuízo do repouso e da vida familiar. Reputamos êsses aspectos muito importantes. O operário é não só trabalhador mas também homem, chefe de família e pai. Tem direito e obrigação de dedicar certo tempo aos filhos e à esposa. Quem precisa levantar-se cedo, correndo para a fábrica para chegar dentro da hora, e, depois do trabalho, tem que sacrificar mais uma ou duas horas com o transporte da volta, que cansa e muitas vêzes enerva, depois de tudo isso não tem mais o espírito e a disposição para se dedicar aos filhos assim como êles merecem e precisam; mas a nosso ver, o problema do transporte não para nem aí.

Atribuímos à índole do homem brasileiro uma boa dose de bondade natural. E a virtude da humildade é altamente apreciada por êle. Ora, aconselharíamos aos elogiadores das metrópoles, viajar, só poucas vêzes, nos trens elétricos da Central do Brasil nas horas em que êsses coletivos trazem e levam os operários. Então poderiam apreciar como as contingências de transporte a

que os operários estão sujeitos todo dia, brutalizam o homem. Não há mais respeito de nada. Ai das crianças, dos velhos e fracos atirados nesse turbilhão em que vale tudo, do sôco e empurrão ao pontapé senão à facada, para não perder o trem, para conquistar um lugar. Quem suporta isso durante anos, perde a sua bondade natural. E a humildade torna-se a coisa mais contra-indicada possível.

O transporte não é o único mas talvez o mais importante dos fatores da vida nas cidades grandes que deformam a personalidade humana. Esta se dissolve numa partícula anônima numa grande massa amorfa. Nos campos e nas cidades pequenas, existem entre as famílias e pessoas relações humanas, naturais e cordiais. O convívio forçado de milhões na área pequena das cidades com os seus constantes atritos mata essas relações, isola um do outro. Na luta pelo pão de cada dia, o outro não é mais nosso próximo, é o competidor. Amizade e caridade cedem lugar à hostilidade e à indiferença. Citemos aqui, *data vênica*, o verso dum poeta austríaco que viveu longos anos no meio do proletariado de Viena:

*"E as cidades, ó Senhor,  
que espalhastes pela terra sã,  
como doença e gangrena  
que corrói os campos e as várzeas —  
Vivemos nelas, como que em chagas:  
destino ao lado de destino.  
Parede ao lado de parede". (\*)*

Possivelmente êsses conceitos parecerão a um ou outro simples divagações semimetafísicas. Voltando para um terreno mais palpável, telúrico e econômico-social, acreditamos que os gastos de tempo e nervos, motivados pelo transporte diário nas grandes cidades e especialmente nas metrópoles, prejudicam seriamente a capacidade de trabalhar e produzir. Não haverá poucos operários que nesses transportes gastem mais esforço físico e nervoso do que no próprio trabalho. E isso constitui um contra-senso evidente, devido às condições de vida nas encantadas cidades grandes. Aliás, mais um! Também os outros ensinamentos da pesquisa do padrão de vida, antes expostos, deixam em pé muito pouco daquela imagem sedutora dos grandes centros que enche a fantasia com tanto maior vivacidade quanto mais afasta da dos mesmos a pessoa vive.

(\*) O original reza:

"Und in den Staedten, so du uebers Land gebracht  
Wie eine Krankheit und wie Brand,  
Der um sich frisst in das Gesuncé der Wiesen und  
[Saaten

Herr, wie in einer Wunde nisten wir da:  
Schicksal an Schicksal

Wan an Wand" — Zwiesprach, von Anton Wildgans

Em face do exposto sugerimos as seguintes recomendações:

1. Que se promova uma campanha hábil, sistemática e persistente no sentido de esclarecer os operários das localidades menores a respeito das verdadeiras condições de vida nas cidades grandes. Entre outras medidas conviria solicitar à Comissão Nacional de Bem-Estar Social que termine, com urgência, as apurações da sua pesquisa de padrão de vida, publicando imediatamente os resultados da mesma, tanto os deduzidos dos questionários quanto os obtidos pelas cadernetas familiares, e, ainda, que promova outras investigações sobre o assunto.

2. Que se fomente o máximo possível um movimento em prol da casa própria para o operário industrial, especialmente nos lugares menores, onde isso se torna mais fácil. A casa própria parece um dos meios mais seguros para prender o indivíduo à sua terra, encerrando, além disso, uma série toda de vantagens sociais e demográficas.

3. Que se remova e corrija a hiperconcentração da indústria brasileira em poucas cidades grandes, visando a desafogar aquêles centros urbanos superpovoados e, ao mesmo tempo, a proporcionar ao operário industrial um padrão de vida mais elevado, principalmente no tocante à habitação, que hoje, em muitos casos, constitui moradia indigna de um ser humano e pernicioso para a família, especialmente para a prole. Êsse fim não poderá ser alcançado sem esforço e prontamente, mas deve ser intentado com todos os meios legais e adequados. Consideramos medidas eficientes cuja aplicação pode ser posta em prática imediatamente:

a) Ajudar as emprêsas que já encetaram mudanças de fábricas suas para o interior, proporcionando-lhes para isso tôdas as facilidades possíveis. Animar outras emprêsas a seguir êsse exemplo;

b) Evitar que se localizem grandes estabelecimentos novos nas metrópoles, esclarecendo os respectivos empreendedores e encaminhando-os, na medida do possível, para o interior;

c) Evitar que fábricas situadas em cidades médias e pequenas se transfiram para os centros grandes, procurando, se fôr necessário, prendê-las com a concessão de certas vantagens;

d) Empenhar todos os esforços no sentido de dotar as pequenas praças industriais com suficiente energia elétrica e melhorar os meios de transporte, especialmente os de maior importância para as indústrias.